

VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA E RENDIMENTO ACADÊMICO DE GRADUANDOS EM NUTRIÇÃO EGRESSOS DE ESCOLAS PÚBLICAS

UNIVERSITY EXPERIENCE AND ACADEMIC PERFORMANCE OF UNDERGRADUATE NUTRITION STUDENTS FROM PUBLIC SCHOOLS

Gricia Grazielle Oliveira Souza¹
Elisabete Agrela de Andrade²
Ana Maria Cervato Mancuso³

RESUMO: Nas últimas décadas houve grande expansão do ensino superior no Brasil e diversas estratégias foram implementadas nas instituições públicas e privadas para ampliar o acesso de camadas populares ao ensino superior. Com o aumento do ingresso das camadas populares no Ensino Superior Público faz-se necessário avaliar não somente as políticas de inclusão social, mas também a qualidade do ensino, se ele se adequa ao novo perfil de alunos, a trajetória dos estudantes e sua adaptação ao ambiente universitário. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi avaliar a vivência durante o processo de ensino-aprendizagem de jovens estudantes do curso de Nutrição na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), oriundos de escolas públicas em relação aos jovens oriundos de escolas privadas (não públicas) e, especificamente, cotejar o rendimento acadêmico e compreender o enfrentamento do ambiente universitário desses grupos no primeiro ano do curso. Trata-se de pesquisa qualiquantitativa, observacional e transversal, realizada através da análise do histórico escolar e aplicação de grupos focais. Os resultados mostraram não haver diferença significativa de rendimento entre os grupos. Foram encontradas semelhanças e diferenças na vivência universitária em quatro categorias de análise relacionadas ao vínculo com a instituição e seus atores, e os modos de enfrentamento do ambiente acadêmico. A vivência de ambos os grupos é permeada por angústias e frustrações; os egressos de escolas públicas mostraram maior persistência para superar as barreiras encontradas e manter bom desempenho acadêmico no primeiro ano de curso.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Ensino superior; Docência

-
- 1- Bacharel em Nutrição pela Universidade de São Paulo. E-mail: grazielleoliveira45@gmail.com. Endereço: Rua Paulino Moino, 169 – Guarulhos – SP/ CEP: 07194-430
 - 2- Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Docente do Curso de Graduação em Psicologia e do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde no Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP/SP. E-mail: elisabeteagrela1@gmail.com. Endereço: Estrada de Itapecerica, 5859 – Capão Redondo – São Paulo – SP / CEP: 05858-001
 - 3- Livre docência pela Universidade de São Paulo. Professora Associada do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública - Universidade de São Paulo. E-mail: cervato@usp.br. Endereço: Universidade de São Paulo – Faculdade de Saúde Pública - Avenida Doutor Arnaldo, 715 – São Paulo – SP / CEP: 01246-904

ABSTRACT: In the last decades, a Higher Education expansion happened in Brazil and a lot of strategies have been implemented in private and public education institutes to expand the access of the lower classes. With the increase of the popular classes in Public Higher Education, it is necessary to evaluate not only the policies of social inclusion but also the quality of education, if it fits the new student profile, the trajectory of the students and their adaptation to the university environment. In this context, the objective of this paper was to evaluate the experience during the teaching-learning process of students of the Nutrition course at the f Public Health School of the University of São Paulo. Furthermore, the intention of this study is to compare the academic performance and understand the coping with the university environment between students from public and private schools in the first year of the course. This is qualitative, observational and cross-sectional research, carried out through the analysis of school records and the application of focus groups. The results do not show any significant performance differences between groups. Similarities and differences were found in the university experience in four categories of analysis related to the link with the institution and faculty members, and the ways of coping with the academic environment. The experience of both groups is full of anguish and frustrations; public school students show greater persistence to overcome barriers and maintain good academic performance in the first year of the course.

Keywords: Teaching-learning; Higher education; Teaching

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas observou-se grande expansão do Ensino Superior público e privado no Brasil, com crescimento significativo no número de Instituições de Ensino Superior (IES) do setor privado e aumento na oferta de vagas para cursos de graduação nas diversas áreas do conhecimento. Em 1997, havia 211 IES Públicas e 689 IES Privadas; em 2017, o número de IES Públicas alterou-se para 296, e havia 2.152 IES no setor privado (INEP 1997, 2017).

Foram criadas algumas propostas de democratização do ensino universitário, tanto para acesso à rede pública como privada. Especialmente no Ensino Superior Público brasileiro, o aumento do número de vagas ofertadas ampliou a possibilidade de acesso pelas camadas populares e algumas estratégias de inclusão social foram implementadas para atender essa demanda. Dentre elas, em âmbito nacional, temos a Política de cotas que, conforme descrito na Lei Federal nº 12.711 de 2012, dispõe que 50% das vagas oferecidas nos cursos de graduação, por curso e turno, nas Instituições Federais de Educação Superior devem ser

destinadas a estudantes oriundos de escolas públicas. Para tanto, considera-se como escola pública instituições criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo Poder Público; e como escola privada as instituições que são mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado, tendo como subcategorias as modalidades: particular estrito, confessional, comunitária e filantrópica (Lei Federal nº 9.394, de 20 de novembro de 1996).

Ao longo das últimas décadas a Universidade de São Paulo vem adotando medidas de inclusão social para aumentar o número de ingressantes oriundos de escolas públicas. Em 2006 e 2008 passou a conceder bonificação incidindo sobre a nota do vestibular para esse grupo, através dos Programas de Inclusão social (INCLUSP) e Programa de Avaliação Seriada (PASUSP), respectivamente. Após a Lei de Cotas, de 2012, incluiu bonificação para indivíduos autodeclarados pardos, pretos e indígenas. E, a partir de 2015 adotou o SISU (Sistema de Seleção Unificada) como forma de ingresso além do vestibular próprio – a FUVEST. Com essas medidas de inclusão observou-se aumento do número de ingressantes egressos da rede básica pública de ensino. Em 2016, 34,6% dos alunos ingressantes na USP fizeram todo o ensino médio em escolas públicas, em 2017, 36,9%, e os dados mais recentes, de 2019, revelam um aumento desse percentual, 41,8% dos ingressantes estudaram todo o ensino médio em escolas públicas (USP - Relatório de Gestão, 2014-2017; JORNAL DA USP 2016, 2019). Esse crescimento mostra a importância e efetividade das políticas de afirmação social na universidade.

A expansão dos cursos de graduação e a inclusão social gradativa no ensino superior são observadas em todas as áreas do conhecimento, dentre elas destacamos a área da saúde, cuja expansão foi impulsionada pela demanda nacional de formação e qualificação de profissionais desse setor para atender a população. Entre 1991 e 2008 houve aumento de 458% no número de cursos de graduação da área da saúde (HADDAD *et al*, 2009). A presença de egressos do ensino básico público nos cursos da área da saúde tornou-se notória. Na USP, em alguns desses cursos a porcentagem de ingressantes desse grupo, em 2016, foi maior do que o percentual da universidade: Medicina (38,8%), Enfermagem (49,4%), Educação física (36,7%). Isso foi observado na Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP/USP), onde são ministrados os cursos de graduação em Nutrição e graduação em Saúde Pública: em 2016, havia 37,8% de ingressantes egressos de escolas públicas (USP - Relatório de Gestão, 2014-2017; JORNAL DA USP, 2016).

Com o aumento do ingresso das camadas populares no ensino superior público faz-se necessário avaliar não somente as ações que possibilitam esse ingresso, mas também a

qualidade do ensino ofertado, se esse ensino se adequa a realidade do novo perfil de estudantes e a adaptação dos mesmos ao ambiente universitário (ZAGO, 2006). Pesquisas nesse sentido apontam diversas dificuldades enfrentadas pelos alunos de origem popular, dentre elas, destaca-se a adaptação ao processo de ensino-aprendizagem. A origem dessas dificuldades pode estar relacionada aos déficits educacionais já presentes desde o ensino básico pelo qual o indivíduo passou (ZAGO, 2006; KRAINSKI e PONCE, 2013); e a relação professor-aluno (ESCOBAR, 2013; CERVATO-MANCUSO e SILVA, 2011). Em relação ao rendimento acadêmico de alunos cotistas em comparação com alunos de cota universal, os estudos divergem sobre os resultados. Pesquisas realizadas em diversos cursos de graduação, distribuídos entre as áreas do conhecimento, em diferentes instituições e períodos do curso indicam que os alunos cotistas, em geral, têm menor desempenho do que os não cotistas (PEIXOTO *et al*, 2016; DALLABONA e SCHIEFLER FILHO, 2011; DARIO e NUNES, 2017), e outros indicam que os alunos cotistas têm melhor desempenho (em alguns cursos) ou que não há diferença significativa entre os dois grupos (FERRAZ *et al*, 2010; KRAINSKI e PONCE, 2013).

O processo de ensino-aprendizagem está no cerne da relação professor-aluno e é transversal à relação do aluno com a instituição. O professor constitui-se como facilitador do processo de aprendizagem e suas estratégias de ensino devem ser remodeladas para acompanhar esse cenário de transformações na composição do alunado. Segundo Souza (2016), o exercício efetivo da docência exige, dentre outras questões, conhecer os alunos, entender sua realidade e apreender seu perfil. A proposição de metodologias pedagógicas e avaliação devem ser adequadas a esse perfil do alunado (SOUZA, 2016).

Na área da saúde é crescente o número de profissionais voltados para o exercício da docência. No campo da Nutrição, por exemplo, uma pesquisa divulgada em 2019 pelo Conselho Federal de Nutricionistas (CFN), mostrou que 11,4% das (os) nutricionistas no Brasil atuam na área da Docência. A atuação nesse campo demanda o desenvolvimento da prática docente sob a perspectiva da formação de um determinado perfil de alunos. Segundo Escobar (2013), a prática docente por profissionais da saúde apresenta falhas metodológicas importantes que influenciam na formação de novos profissionais: “o ensino deve ser adequado às necessidades de aprendizagens do aluno, e a falta de conhecimento didático de profissionais da área da saúde dificulta esse contexto”. A reflexão sobre as características do corpo docente é, portanto, fundamental para orientar o exercício da docência no ensino superior e a construção de um sistema educacional superior público que respeite a equidade.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi avaliar a vivência durante o processo de ensino-aprendizagem de jovens estudantes do curso de Nutrição na Faculdade de Saúde Pública da USP, oriundos de escolas públicas em relação aos jovens oriundos de escolas não públicas e, especificamente, cotejar o rendimento acadêmico e compreender o enfrentamento do ambiente universitário desses grupos no primeiro ano do curso.

2. METODOLOGIA

O presente estudo está estruturado em uma pesquisa de campo para compreensão sobre a vivência durante o processo de ensino-aprendizagem, com enfoque para o enfrentamento do ambiente universitário e avaliação do rendimento acadêmico. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualiquantitativa, observacional, transversal.

O recrutamento de voluntários foi realizado através de convite presencial, com apresentação breve do projeto de pesquisa, durante o período de aula dos discentes. Os participantes foram selecionados de acordo com os critérios de inclusão.

Como critérios de inclusão, para atender os objetivos da pesquisa, foram aceitos alunos matriculados regularmente no curso de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP, no ano de 2019, no segundo, terceiro, quarto e quinto anos do curso; alunos que realizaram todo o ensino médio em escolas da rede pública (grupo 1) e alunos que realizaram todo o ensino médio em escolas privadas (grupo 2); alunos que estão em sua primeira graduação e cuja forma de ingresso na universidade foi via vestibular direto (FUVEST) ou Sistema de Seleção Unificada - SISU (com utilização da nota do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM). Foram excluídos alunos que já tenham concluído uma primeira ou mais graduações e/ou que tenham ingressado via vestibular de transferência externa, pois esses grupos já vivenciaram o ambiente universitário em experiências anteriores e, portanto, não atenderiam ao objetivo desta pesquisa que visa aprofundar-se nas características do primeiro ano de graduação, no primeiro contato com a universidade.

A caracterização dos sujeitos foi realizada por meio de uma ficha cadastral preenchida pelos participantes e que continha dados pessoais e da origem escolar: nome, idade, sexo, religião, contato eletrônico e telefônico, período e semestre do curso de nutrição, tempo gasto no trajeto casa-faculdade, tipo de instituição onde foi realizado o ensino médio

(rede pública, rede pública do tipo ETEC ou outras cujo ingresso é via vestibular interno e rede privada), nome da escola e cidade onde cursou o ensino médio.

A fase quantitativa da pesquisa foi realizada por meio de análise de dados do Resumo Escolar (histórico escolar) dos discentes no primeiro ano do curso. Foi solicitado ao participante da pesquisa fornecer seu resumo escolar atualizado em 2019. Para estabelecer os indicadores de rendimento acadêmico foram utilizados os seguintes parâmetros: as médias das notas das disciplinas obrigatórias cursadas no primeiro e no segundo semestres, a média das notas do primeiro ano, e as médias das disciplinas organizadas em blocos nos três eixos temáticos integradores estabelecidos no Projeto Político Pedagógico do curso de Nutrição da FSP/USP, a saber: Atenção dietética, Segurança alimentar e nutricional e Trabalho, Ciência e Cultura. Foram incluídos nesta fase todos os voluntários recrutados, um total de 52 alunos, sendo 22 oriundos de escolas públicas (EP) e 30 de escolas privadas/não públicas (ENP).

A fase qualitativa foi realizada a partir da análise e interpretação dos dados obtidos por meio da aplicação da técnica de grupo focal, descrita por Gatti (2005). Foram realizados dois grupos focais, sendo um com os alunos egressos de escolas públicas (GF1) e o outro com os alunos egressos de escolas privadas (GF2). Os indivíduos que participaram dos grupos focais foram sorteados dentre aqueles que participaram da fase quantitativa, o sorteio foi realizado por meio de ferramenta do software Excel ® 2016 MSO que organiza listas de modo aleatório. Para cada grupo focal foram convidados 12 alunos, 6 participaram do GF1 e 6 do GF2. As falas durante a interação dos grupos foram gravadas em áudio, o conteúdo dos áudios foi transcrito e, posteriormente, analisado.

Para a condução dos grupos foi utilizado um roteiro pré-estabelecido, composto por questões norteadoras que partiram da questão principal: “Como foi vivenciado e/ou enfrentado o processo de ensino-aprendizagem e o ambiente universitário no primeiro ano do curso de Nutrição na FSP/USP?”. Os grupos focais foram conduzidos por moderadora previamente treinada para facilitar a interação e contou com uma observadora.

A análise das notas observadas foi realizada comparativamente entre os dois grupos e também pela aplicação de método estatístico para cotejar o rendimento acadêmico dos grupos estudados: Teste de hipóteses para duas médias independentes com variância desconhecida, utilizando-se tabela de distribuição t de “Student” e abordagem de Neyman e Pearson. Partindo-se da hipótese nula, onde a média de EP é igual a média de ENP, o teste de hipóteses foi aplicado para verificar aceitação ou rejeição da hipótese nula ao nível de significância de 5%. Para a análise dos grupos focais, foi empregada a Análise de Conteúdo, descrita por

Bardin (2011), para interpretação do texto resultante da transcrição dos áudios dos grupos focais.

Todas as etapas da pesquisa foram baseadas nos aspectos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos, conforme a Resolução nº 466, de 2012, do Conselho Nacional de Saúde - CNS. Houve aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da FSP/USP sob o número 11934019.8.0000.5421. Todos os participantes da pesquisa foram esclarecidos dos objetivos e etapas, bem como possíveis riscos e benefícios de sua participação, e assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo-lhes fornecida uma cópia.

Para assegurar a confidencialidade dos dados dos participantes dos grupos focais, os mesmos serão identificados pelas siglas EP ou ENP, egressos de Escolas Públicas e egressos de Escolas Não Públicas, respectivamente. Acompanhando a sigla está indicado o período (not – noturno; mat – matutino) e ano de curso (2º, 3º, 4º, 5º).

3. RESULTADOS

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Do total da amostra, 88% pertencem ao sexo feminino e 12% ao sexo masculino, nos grupos essa proporção não é muito distinta: 86% de mulheres e 14% de homens (EP) e 90% de mulheres e 10% de homens (ENP). Em relação à idade, na amostra total, 84% tem 20 a 24 anos, 8% tem 25 a 30 anos, e 8% tem idade menor do que 20 anos. Quanto ao semestre do curso, 19% estão no quarto semestre, 31% no sexto, 25% no oitavo e 25% no décimo; 71% da amostra estão cursando nutrição no período noturno e 29% no período diurno.

3.2. RENDIMENTO ACADÊMICO

A análise dos dados do histórico escolar permitiu a observação de diversas características e fenômenos em relação ao rendimento acadêmico dos alunos. Quando olhamos para os dois grupos, não foram encontradas diferenças significativas entre as notas nas diversas variáveis analisadas. Porém, em uma análise mais profunda intragrupos revelam-se alguns dados interessantes que podem ser relacionados a aspectos e peculiaridades específicas de cada grupo.

As médias das notas alcançadas no primeiro ano de curso se aproximam entre os grupos (tabela 1), demonstrando não haver diferença de rendimento associada ao tipo de ensino pregresso.

Tabela 1. Médias das notas do primeiro ano de curso dos egressos de escola pública e escola privada

Origem	Médias das notas		
	1° semestre	2° semestre	1° ano
Escola pública (n = 22)	7,9	8	7,6
Escola privada (n = 30)	7,7	7,7	7,7

Investigando-se os dois grupos isoladamente foram encontrados dois fenômenos no rendimento acadêmico: 27% dos alunos egressos de escolas públicas tiveram redução das suas notas do primeiro para o segundo semestre; enquanto no outro grupo, o percentual de alunos que tiveram essa redução foi de 43%. E, em ambos, a redução das notas foi em torno de 8%.

O mesmo resultado foi verificado ao investigar as médias das notas obtidas pelos discentes nos eixos temáticos integradores aos quais as disciplinas pertencem (tabela 2), as notas se aproximam.

Tabela 2. Médias das notas no primeiro ano de curso dos egressos de escola pública e escola privada segundo eixo temático integrador

Origem	Médias das notas		
	Atenção dietética	Segurança alimentar e nutricional	Trabalho, ciência e cultura
Escola pública (n = 22)	7,3	8,5	8,5
Escola privada (n = 30)	6,9	8,3	8,2

Para além da observação das médias, foi aplicado tratamento estatístico nos dados obtidos para cotejar o rendimento acadêmico dos grupos. O resultado do teste de hipóteses evidenciou que não há diferença estatística significativa entre as médias dos dois primeiros semestres do curso, médias do primeiro ano de curso e médias das disciplinas por eixo temático integrador dos alunos de EP e ENP, pois em todas as variáveis analisadas o valor de $T_{(observado)}$ encontra-se na área de aceitação da hipótese nula.

3.3. AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Da análise dos textos obtidos a partir da transcrição dos grupos focais emergiram cinco categorias que representam aspectos vivenciados no ambiente universitário: **a instituição no processo de formação discente; a relação professor-aluno; o sistema “Se vira”; e o acolhimento entre alunos.**

A categoria “instituição no processo de formação discente” aponta que, para os alunos egressos de escolas públicas, a universidade apresenta-se como um ambiente diferenciado do ensino médio, pois existem diversos processos burocráticos relacionados à matrícula e inscrição em programas de apoio à permanência estudantil. Mas não há divulgação adequada ou suporte para que os alunos participem ou saibam como utilizar os recursos oferecidos. O primeiro ano de curso na faculdade é marcado por diversas questões, transições, dúvidas e conflitos internos, mas a universidade não possui nenhum serviço ou processo que contribua para a adaptação dos discentes ao ambiente universitário nesse primeiro contato ou, se possui, os alunos afirmam não conhecer.

O grupo de egressos de escolas não públicas faz múltiplos apontamentos que indicam falhas estruturais e organizacionais, tais como a comunicação institucional precária e ineficácia dos canais de informação. A falta de suporte acerca do uso dos sistemas da faculdade dificulta a interação dos alunos com o curso. O discurso desse grupo apresenta forte crítica à unilateralidade da instituição nas ações que envolvem os processos de construção da graduação, não há uma avaliação do curso como um todo, pelos alunos, ao longo da trajetória de formação. Há um único instrumento de avaliação interno que é preenchido pelos alunos ao final de cada disciplina para avaliar o professor e o conteúdo, mas não existe qualquer *feedback* para os discentes, o que os faz enxergar a universidade como omissa e negligente às demandas dos graduandos.

O grupo também afirma existir forte distinção entre períodos – o curso noturno sente que sua formação é inferior à do curso matutino. Tal situação é mais evidente em algumas disciplinas, como a Bioquímica: (ENP3,not,5°): *[...] é algo que eu acho bem deficiente da graduação, que é essa questão de no mesmo curso, no mesmo ano, em períodos diferentes, as pessoas terem aula com professores diferentes. Porque nós tivemos isso, principalmente no primeiro ano, na cidade universitária e, pelo menos na nossa parte do noturno, o professor era muito ausente, deficiente na questão de ensinamentos, ficava uma hora só na aula com a gente [...] Só que, enquanto isso, o pessoal do matutino do nosso ano estava tendo quatro horas de aula da mesma disciplina que nós, com uma professora muito mais interessada em*

dar aula, em dar conteúdo. Então, nós tivemos uma formação bem pobre nessa disciplina, enquanto isso o pessoal do matutino teve um bom ensinamento sobre. E isso no decorrer do curso faz muita falta porque era uma disciplina muito importante.

Tudo isso é apresentado como fatores que influenciam no processo de aprendizagem, pois não há flexibilidade da universidade para se moldar de acordo com as necessidades/demandas do corpo discente e este não possui voz e autonomia para participar da estruturação de seu próprio processo de formação: (ENP7,not,4°): *A gente tá disposto a melhorar a faculdade como um todo, melhorar a aula, a estrutura e tudo, só que eles acham que, tipo, “ah, tenho pós-doutorado e ninguém vai falar o que eu tenho que fazer” e pronto e acabou, sabe. Ninguém para pra escutar a gente sendo que a gente que é o usuário daqui. A gente tem o conhecimento e ninguém para pra ouvir, acha que só o que ele pensa é importante.*

Na categoria “relação professor-aluno”, ambos os grupos descrevem os professores como atores distantes, pouco acessíveis e abertos para interação com os alunos, dificultando o envolvimento destes com a matéria e o aprendizado da mesma. Até existe uma tentativa de aproximação com os alunos, mas não há verdade nessa tentativa e causa efeito contrário, gera certa estranheza.

Para os egressos de escolas públicas os docentes são indutores de angústia, tensão e conflitos internos, pois incutem grande pressão e responsabilidade relacionada à inclinação profissional dos graduandos que, na perspectiva do professor e da faculdade, deve estar voltada para o coletivo – saúde pública – visto que o curso de Nutrição é ministrado na Faculdade de Saúde Pública e tem como um de seus objetivos a formação de nutricionistas para o SUS; enquanto a perspectiva do aluno, por vezes, está direcionada para outros campos de atuação, em âmbito individual. Isso provoca no aluno um sentimento de incompatibilidade, não pertencimento a universidade e não atendimento às suas expectativas em relação ao seu aprendizado no curso: (EP5,not,4°): *O curso direciona você, pra que você devolva isso numa maneira coletiva, e como que você vai agir sendo que, às vezes, o teu chamado, o teu gosto é uma coisa mais individual, e conciliar isso com os professores constantemente falando de uma coisa e às vezes os teus, as tuas vontades, os teus talentos serem direcionados pra outro, né. Sobre esse aspecto, os egressos de escolas privadas mostram-se insatisfeitos com a grade curricular que prioriza determinados assuntos em detrimento de outros, de forma maçante e repetitiva durante o curso. São questões que envolvem o professorado, mas também a própria coordenação de curso que desenvolve o currículo.*

Um ponto importante acerca dessa relação professor-aluno que emergiu de ambos os grupos é a heterogeneidade do perfil docente nas unidades formadoras do curso de nutrição - a cidade universitária e a Faculdade de Saúde Pública. Nos primeiros dois anos de curso as aulas do ciclo básico são ministradas nesses dois ambientes, e a percepção discente aponta para um corpo docente com perfil mais indiferente na cidade universitária.

Outro aspecto importante observado em ambos os grupos, e que surge dessa questão do perfil dos docentes nos diferentes ambientes, é a ineficácia do ensino-aprendizagem, especificamente na disciplina de Bioquímica, decorrente de uma postura negligente dos docentes. Isso é evidenciado em diversas falas dos estudantes, e na fala do grupo EP nota-se a pré-existência de dificuldades em relação a temática da disciplina: *(EP3,mat,3°): Eu não sentia essa questão de horizontalidade principalmente na matéria de bioquímica, em que você se sente, tipo, minúsculo [...] acho que é porque, por exemplo, eu nunca entendi química, então química já era uma dificuldade pra mim, e chegando lá as professoras, não sei se ainda é as mesmas professoras, mas as que eu tive elas passavam, você entendeu, você entendeu; se não entendeu, bom...olha o livro. (ENP6, mat,3°): mas eles também não eram muito bons, eram distantes, tinham uma postura muito fechada, muito rígidos. (ENP9, not,3°): o professor era muito distante, então ele chegava, dava aula e ia embora, nem ficava na sala [...] o professor já não era muito presente, parecia também que 'tava querendo largar de mão.*

Apenas no grupo de egressos de escolas não públicas essa postura dos professores é considerada resultado de um problema maior relacionado a intencionalidade ou não intencionalidade do exercício da docência: *(ENP7,not,4°): mas os professores não tem muita paciência de sentar e explicar, porque eles estão aqui pra fazer pesquisa, dar aula é tipo inevitável.*

A categoria “sistema se vira” surge apenas no grupo de egressos de escolas públicas como a metodologia da Universidade de São Paulo para a formação de seus alunos e consiste em forçar o estudante a encontrar sozinho as informações necessárias à sua adaptação ao ambiente universitário, bem como desenvolver suas próprias estratégias de aprendizado. Esse sistema implica, portanto, em um forte movimento interno de busca por estratégias para ultrapassar as barreiras encontradas nesse ambiente. O sistema “se vira” é impulsionado pelos professores, uma vez que atuam como transmissores de informações em sala de aula, mas não como fonte de conhecimento: *(EP4,not,4°): [...] eu fiz cursinho e no cursinho o professor dá cambalhota lá na frente pra gente entender o conteúdo. Aí quando eu cheguei aqui, não dão...*

[risos do grupo] ... passam a informação, você pegou, pegou; não pegou se vira pra conseguir acompanhar [...] eu senti dificuldade nisso que é o “Sistema se vira”.

O grupo apoia a existência desse sistema, mas há discursos diferentes sobre o efeito dele entre os alunos que vieram de escolas públicas comuns (três participantes) e os que vieram de escolas públicas tipo ETEC (três participantes), estes já tinham vivenciado um sistema semelhante ao “Se vira” no modelo de ensino da ETEC e, por já estarem familiarizados, sentiram menos dificuldade em adaptar-se.

O “Sistema se vira” pode estar relacionado também ao reconhecimento e usufruto dos recursos disponíveis na instituição: (EP5,not,4°): *É meio que a gente indo e descobrindo, a gente vai explorando a faculdade, “ah tem isso aqui, eu posso fazer isso, dá pra fazer isso”.* (EP6,not,2°): *Acho que é mais isso mesmo, você ir procurar e saber as coisas pra poder se adaptar à faculdade.*

Segundo ambos os grupos, a principal estratégia de enfrentamento desse ambiente universitário singular e desconhecido aparece na categoria “acolhimento entre alunos”. É por meio da interação com os outros alunos - colegas e veteranos - que os calouros tomam conhecimento sobre o funcionamento e estrutura geral da universidade, e sobre a existência e funcionamento dos projetos de extensão da faculdade. Essa interação ocorre principalmente via tecnologias de comunicação (WhatsApp, e-mail, grupos no Facebook) onde os alunos vão situando uns aos outros e transmitindo as informações conforme vão descobrindo; e na semana de recepção aos calouros, onde os veteranos apresentam a faculdade, os projetos de extensão e todos os recursos disponíveis na instituição. Todo esse suporte é essencial e indispensável para a adaptação à universidade: (EP2,not,3°): *Eu acho que nesse sentido o maior suporte que a gente tem é dos amigos né, que aí chega e pergunta “ahh, cê fez isso e como é que faz?”, aí cada um vai tendo iniciativa numa parte e ajuda um colega que não sabe como faz ou os veteranos vão ajudando também, então acho que os alunos se ajudam bastante.* (ENP9, not,3°): *os veteranos participam mais quando a gente entra, acho que existe uma preocupação de veteranos de outros cursos, tipo os veteranos da saúde pública, de conversar com você e tentar te localizar. Até hoje eu vou para os veteranos para tirar dúvidas, então existe essa disponibilidade por parte dos alunos né.*

A participação dos veteranos nesse momento de chegada à universidade é muito acolhedora para os calouros. Antes da semana de recepção, no dia da matrícula presencial, já existe uma aproximação entre os alunos por meio de um “apadrinhamento” - um veterano apadrinha um calouro para dar a ele o suporte necessário nesse momento introdutório na

academia. Todo esse processo criado pelos discentes é considerado bem importante. O novo modo de matrícula online e não presencial, implementado na universidade no ano de 2019, recebe críticas dos alunos por impossibilitar essa integração, esse “calor” entre veteranos e calouros, nas palavras deles.

Na semana de recepção aos calouros são apresentados todos os projetos de Extensão Universitária existentes, porém, apesar dessa divulgação via veteranos, as informações dessas atividades ficam restritas a experiência dos alunos que as apresentam. Além disso, as extensões têm processos de inscrição e seleção distintos, que não são completamente divulgados. Então, apesar do esforço dos alunos em apresentar todos os projetos de extensão, ainda existem lacunas vazias de informações que resultam em participação tardia dos calouros nas atividades de cultura e extensão da própria unidade de ensino.

4. DISCUSSÃO

O ambiente universitário oferece uma multiplicidade de vivências e relações com as quais o aluno precisa aprender a lidar e se adaptar no início da vida acadêmica. Baker & Siryk (1984), afirmam que a adaptação ao ensino superior é multidimensional e esse processo envolve a capacidade dos alunos em estabelecer novas amizades, a presença de sentimentos como estresse e ansiedade frente às demandas acadêmicas e o tipo de vínculo que é estabelecido entre o aluno e a instituição.

Para os grupos estudados a instituição de ensino apresenta muitas falhas organizacionais e estruturais que dificultam o vínculo e um bom aproveitamento do ambiente acadêmico. Os egressos de escolas públicas apreendem a universidade como um ambiente desconhecido e perturbador que impõe interações inéditas, não presentes no ensino médio e, portanto, o aluno não está preparado e é inundado por um sentimento inicial de desorientação. E nesse cenário, a instituição não possui sistemas de suporte efetivos que facilitem o processo de habituação ao ambiente acadêmico. Para os egressos de escolas privadas o fator crítico que dificulta o vínculo com a instituição é a unilateralidade da mesma, não existe coparticipação do alunado na construção dos processos formativos na graduação, esse grupo aponta diversas fissuras organizacionais e reivindicam uma voz ativa para o alunado e anseiam por uma escuta ativa por parte da instituição, ou seja, é necessário qualificar a comunicação instituição - aluno que é bastante precária.

Observou-se também no grupo EP certo embevecimento por conseguir uma vaga na universidade pública, esse sentimento parece inibir a postura crítica e reclamatória, pois o simples fato de poder pertencer a esse coletivo implica em ser grato. A resposta dissímil dos dois grupos frente às características da instituição pode estar refletindo o *modus operandi* dos alunos que foi construído no modelo de ensino pregresso. É possível supor que no ensino básico privado o aluno também é o cliente e, na condição de cliente, ele pode requerer que a instituição se adeque às necessidades do corpo discente; enquanto no ensino básico público, a tomada de decisões é vertical e cabe ao alunado amoldar-se ao ambiente. Porém, tal hipótese não é aplicável a todo o universo de estudantes oriundos do ensino básico público. Krainski e Ponce (2013), em seu estudo sobre a trajetória de estudantes egressos de escolas públicas em uma universidade estadual mostra haver criticidade neste grupo e uma postura reivindicatória que se assemelha ao observado no grupo ENP, os alunos apontam falhas institucionais e sugerem que haja melhorias na comunicação interna sobre os programas existentes, as bolsas de auxílio estudantil, os eventos culturais e esportivos e também sugerem maior atenção aos cursos noturnos e unidades (*campi*).

No mesmo estudo os autores apontam que *“as expectativas da entrada dos estudantes representam um dos fatores determinantes no processo de integração ao ensino superior, sendo que o desencontro entre as expectativas iniciais e o que a instituição realmente oferece se constitui fonte de sentimentos antagônicos”*. Tal situação foi observada nesta pesquisa em ambos os grupos - EP e ENP - e é manifestada em aspectos da relação professor-aluno. Para o grupo de egressos de escolas públicas a postura rígida e distante dos professores em sala de aula influencia negativamente a aprendizagem, pois desencoraja o aluno a dialogar e perguntar quando não entende, resultado semelhante foi descrito por Escobar (2013) em sua pesquisa sobre ensino-aprendizagem na graduação em Nutrição, em que as graduandas afirmam que se houvesse estímulo por parte dos professores para participação dos alunos durante as aulas facilitaria a aprendizagem. Além disso, o grupo EP refere dificuldades em acompanhar determinadas aulas devido deficiências pré-existent, estas não são consideradas pelos docentes em seu processo de ensino.

No grupo ENP a discrepância entre as expectativas e a realidade da universidade no que se refere ao professorado parece desmotivar os alunos de tal maneira que isso reflete no rendimento acadêmico. Nesse sentido, há uma redução das notas de quase metade dos indivíduos egressos de escolas privadas de um semestre para o outro. O desinteresse dos docentes em modificar seu processo de ensino para atender às necessidades de aprendizagem

dos discentes, que é apontada por esse grupo como falha na relação professor-aluno, também foi verificado por Escobar, em 2013. O autor aponta que a inexistência de diálogo entre docentes e discentes complica a aprendizagem e, portanto, o professor deve considerar as necessidades, aspirações e expectativas dos estudantes para o aprimoramento de suas aulas (ESCOBAR,2013).

Na perspectiva dos alunos evidencia-se uma atribuição de valor a atuação do professorado na concretização de um ensino equitativo e de qualidade. Historicamente, segundo Santos *et al* (2019), a respeito da educação básica, a oferta de educação de qualidade favorece alguns em detrimento de outros, institucionalizando uma diferença de poder entre classes. Mesmo com a garantia constitucional da educação como um direito de todos “*na prática, a educação pública permanece sem o investimento necessário para se tornar, efetivamente, qualitativa*” (SANTOS *et al*, 2019). Na análise da trajetória dos estudantes no ensino superior público, vemos uma continuidade dessa condição do ensino pregresso, embora seja dado o acesso à educação superior de qualidade, a concretização disso em sala de aula não é equitativa, pois a conduta docente não efetiva o ensino com justiça social dando oportunidades equânimes de apropriação do conhecimento para ambos os grupos estudados.

Ainda, no âmbito da relação professor-aluno, é importante destacar que ambos os grupos afirmam que as características negativas dos professores dependem da unidade (Faculdade de Saúde Pública ou Cidade Universitária) e também das disciplinas. É evidente que algumas disciplinas geram maior descontentamento no corpo discente. O papel docente frente às necessidades específicas de cada grupo de alunos é uma forte barreira ao aprendizado destes. Os dados de rendimento acadêmico corroboram para essa interpretação, pois em ambos os grupos é expressiva a quantidade de indivíduos que tiveram redução em suas notas, porém a frequência é menor entre os egressos de escolas públicas, podendo indicar existência de alguma característica nestes que os faça driblar melhor as dificuldades encontradas apesar das deficiências herdadas do ensino pregresso.

Esse ambiente universitário de pouco acolhimento e suporte institucional e docente impele ambos os grupos de alunos a encontrar maneiras de superar as barreiras e dificuldades encontradas. Entre os egressos de escolas públicas foi observado um movimento atitudinal que é impulsionado pelo chamado “Sistema se vira” - definido como metodologia própria da Universidade de São Paulo. O grupo afirma que, após certo tempo de curso, esse sistema passa a ser visto como um motor para o desenvolvimento da autonomia, porém no início da graduação ele torna o aprendizado e a integração à faculdade muito morosos e custosos para

os alunos. Segundo Escobar (2013) a escolha da metodologia de ensino deve receber atenção importante, pois ela poderá facilitar ou dificultar a aprendizagem e, conseqüentemente, a formação de grande parte dos alunos. O que vemos no exemplo do curso de Nutrição, para os discentes egressos de escolas públicas, é que apesar da metodologia “se vira” gerar um movimento interno de adaptação, que parece refletir no rendimento acadêmico desse grupo (a maior parte dos alunos mantém ou aumenta a média do primeiro para o segundo semestre), ela não cumpre esse papel de facilitadora do aprendizado nos primeiros momentos do curso.

O enfrentamento desse ambiente universitário singular e desconhecido aponta fortemente para o apoio entre colegas, independente da origem do ensino pregresso. As relações de apoio e acolhimento estabelecidas entre os calouros e os veteranos são vitais para a integração do aluno novo com a faculdade. Santos *et al* (2015), em pesquisa sobre a relação entre universitários e implicações acadêmicas, diz que os vínculos estabelecidos entre os pares são essenciais para a adaptação dos estudantes no ensino superior. É característico dos jovens universitários buscar ajuda com seus semelhantes para enfrentar as dificuldades do ambiente acadêmico. Os autores afirmam a importância da compreensão desses vínculos entre estudantes pela coordenação de curso e professores:

“É importante entender a natureza dos vínculos formados entre os colegas de graduação para que as coordenações de cursos, por meio dos professores, estimulem o desenvolvimento de atividades em grupo. Acredita-se que elas auxiliaram na formação de laços de amizade e, por conseguinte, na adaptação acadêmica, uma vez que os amigos, muitas vezes, facilitam o entendimento de conteúdos e de processos burocráticos dentro da universidade.”

Mesmo nesse ambiente de interações aluno-aluno é possível e, em alguns casos, necessário a participação de atores institucionais - coordenação e professores - pois, como observado no estudo, apesar dos alunos transmitirem informações aos calouros, eles não têm todas as informações, como é o caso dos projetos de extensão específicos. A extensão também é campo de atuação para o docente do ensino superior e é ambiente propício para desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Cervato-Mancuso *et al* (2015), as extensões universitárias são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades e competências pelos jovens estudantes, com destaque para a autonomia, autoconfiança, habilidade de aplicar a teoria na prática adaptando-a em diferentes contextos, capacidade de

expressar-se com clareza, relação interpessoal, oratória, cidadania, humanização na prática profissional, entre outras.

CONCLUSÕES

A criação de diferentes estratégias e políticas foi importante para a democratização do acesso ao Ensino Superior. Entretanto, o ambiente universitário estabelece diversos desafios que interferem na saúde e na aprendizagem de estudantes.

Neste estudo, o ambiente universitário mostrou-se complexo para ambos os grupos estudados. A vivência nesse meio exige crescimento pessoal para lidar com todas as novas questões que surgem, dos processos burocráticos obscuros ao relacionamento com os principais atores que constituem a universidade, e influenciam no processo de ensino-aprendizagem: colegas e professores.

A análise do rendimento acadêmico mostrou não haver diferenças significativas entre as médias das notas dos grupos, mas notou-se maior persistência dos alunos egressos de escolas públicas para sobrepujar as dificuldades de aprendizagem e manter bom desempenho no primeiro ano do curso.

É possível notar, em ambos os grupos, fragilidades emocionais resultantes da frustração que a universidade provoca ao (des)integrar os alunos no primeiro contato com o ensino superior. A resposta de cada grupo frente a essa situação é diferente em alguns aspectos: o grupo de egressos de escolas públicas é impulsionado pelo “sistema se vira” a encontrar meios próprios de superar as barreiras; e os egressos de escolas privadas tendem a questionar a estrutura institucional e requerem participação na construção da graduação para que haja melhorias. E assim, a principal estratégia de enfrentamento do ambiente universitário é o apoio mútuo entre os colegas de curso.

Os resultados da pesquisa mostram a importância da sensibilização do professorado acerca da necessidade e relevância do aperfeiçoamento da prática docente, pois têm implicações diretas na formação de novos profissionais. E, ainda, o papel de coordenadores de curso que devem pensar o currículo considerando o efeito das unidades formadoras e do próprio conteúdo abordado na formação dos jovens universitários. Assim, a universidade, como um todo, deve atuar em prol do fortalecimento dos espaços e situações que estimulam o

ínculo dos alunos com todo o cenário acadêmico, como espaços de acolhimento entre e para estudantes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAKER, Robert W.; SIRYK, Bohdan. Measuring adjustment to college. **Journal of counseling psychology**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 179-189, 1984.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. [S. l.], 12 dez. 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 5 mar. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Política de Cotas**, [S. l.], 29 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm. Acesso em: 20 fev. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. TÍTULO IV Da Organização da Educação Nacional Art. 19 e 20., [S. l.], 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 22 mar. 2019.

CERVATO-MANCUSO, Ana Maria; SILVA, Maria Eunice Whaugan da. Percepção e expectativas dos alunos ingressantes no curso de Nutrição. **Revista Cultura e Extensão USP**, São Paulo, v. 8, 2011.

CERVATO-MANCUSO, Ana Maria *et al.* Cenário de Práticas para a Formação Universitária: O Olhar dos Estudantes. **Revista Cultura e Extensão USP**, São Paulo, n. 14, p. 59-70, 2015.

CFN – CONSELHO FEDERAL DE NUTRIÇÃO. **Perfil das (os) nutricionistas no Brasil**. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://pesquisa.cfn.org.br/>. Acesso em: 5 out. 2019.

DALLABONA, Carlos Alberto *et al.* Desempenho acadêmico de estudantes oriundos de escolas públicas: cursos de graduação do campus Curitiba da UTFPR. **Anais de Congresso: COBENGE - Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**, Santa Catarina, 2011.

DARIO, Amália Borges; NUNES, Rogerio da SILVA. Avaliação de cotistas e não cotistas: uma análise do desempenho acadêmico e da evasão em um curso de graduação em administração. **Anais de Congresso: AVALIES 2017 – 3º Simpósio de Avaliação do Ensino Superior**, Santa Catarina, 2017.

ESCOBAR, Stephane Janaina de Moura. Ensino-aprendizagem na graduação em Nutrição. **Anais de Congresso: XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**, Curitiba - PR, 2013.

FERRAZ, Marcelo Inácio Ferreira *et al.* Análise do desempenho acadêmico do primeiro ano de implantação do sistema de reserva de vagas na UESC. **SINAPE - Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística**, [s. l.], 2010.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**: Série Pesquisa em Educação. Brasília - DF: Liber Livro, v. 10, 2005.

HADDAD, Ana Estela *et al.* Formação de profissionais de saúde no Brasil: uma análise no período de 1991 a 2008. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], 2009.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Sinopse estatística do ensino superior**: graduação 1997. Brasília, DF: O Instituto, p. 228, 1998.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Censo da Educação Superior**. Notas Estatísticas 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf . Acesso em: 20 fev. 2019.

JORNAL DA USP. **USP amplia diversidade social e étnica**. [S.d]. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/usp-amplia-diversidade-social-e-etnica/> .Acesso em: 18 out. 2019

JORNAL DA USP ESPECIAL. **Inclusão social na USP**: Universidade enfrenta desafio de reparar desigualdades históricas no ensino superior. Superintendência de Comunicação Social - Universidade de São Paulo; Jun 2016.

JORNAL DA USP ESPECIAL. **USP realiza mudança histórica na seleção de alunos**. [S.d]. Disponível em <http://jornal.usp.br/especial/usp-realiza-mudanca-historica-na-selecao-de-alunos/> .Acesso em: 22 mar. 2019

KRAINSKI, Luiza Bittencourt; PONCE, Branca Jurema. Caminhos (Im)Previsíveis? Um olhar para a trajetória dos estudantes oriundos de escolas públicas na UEPG. **Anais de Congresso: XI Encontro de pesquisadores (PUC-SP)** - Currículo: tempos, espaços e contextos, São Paulo, 2013.

PEIXOTO, Adriano de Lemos Alves *et al.* Cotas e desempenho acadêmico na UFBA: um estudo a partir dos coeficientes de rendimento. **Avaliação Campinas**, Sorocaba - SP, 2016.

SANTOS, Anelise Schaurich dos *et al.* Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação acadêmica. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, p. 150-163, 2015.

SANTOS, Roniria Silva dos *et al.* Educação de qualidade e avaliação: raízes históricas de uma correlação contemporânea. **Cadernos da Fucamp**, [s. l.], v. 18, n. 35, p. 31-46, 2019.

SOUZA, Fabiana Verissimo da Costa. Implicações da formação docente na perspectiva sociocultural: apontamentos e discussão. **Cadernos da Fucamp**, [s. l.], v. 15, n. 23, p. 1-7, 2016.

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Uma universidade em evolução. **Relatório de gestão 2014-2017**. Pró-Reitoria de Graduação (PRG). São Paulo; 2018.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 11, n. 32, p. 1-7, 2006.